



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA LAUANE DE OLIVEIRA

**SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA: Representações femininas em *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2023**

MARIA LAUANE DE OLIVEIRA

**SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA: Representações femininas em *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

**Catolé do Rocha – PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48s Oliveira, Maria Lauane de.  
Submissão e resistência: representações femininas em Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz. [manuscrito] / Maria Lauane de Oliveira. - 2023.  
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Literatura Brasileira. 2. Submissão. 3. Resistência. 4. Representações Femininas. I. Título

21. ed. CDD B869.93

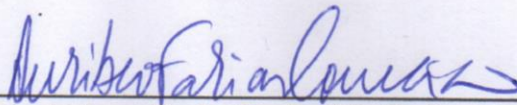
MARIA LAUANE DE OLIVEIRA

**SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA: Representações femininas em *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz**

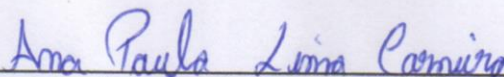
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em 28 / 11 / 2023

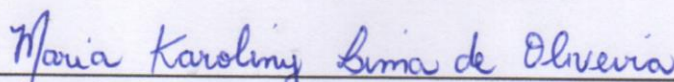
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Dr. Auribio Farias Conceição  
UEPB - CCHA/DLH



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB - CCHA/DLH



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira  
UEPB - CCHA/DLH

À minha avó, Almerinda de Oliveira Figueiredo, (*In Memoriam*), por ser um exemplo de mulher forte e guerreira. Tenho certeza de que onde estiver está feliz pela minha conquista.

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, o centro de tudo, por acalantar meu coração ansioso e preenchê-lo com sentimentos de capacidade e superação quando eu já não era capaz de achá-los sozinha, ajudando-me a concluir mais uma etapa da minha trajetória acadêmica.

Aos meus amados pais, **Maria do Socorro Pires de Oliveira** e **José Ailton de Oliveira**, que mesmo com poucos anos de escolarização, sempre entenderam a importância da educação e lutaram incansavelmente para me proporcionar a oportunidade de seguir por esse caminho. Obrigada por todo apoio e esforço para tornar este sonho possível, e por serem meu porto seguro durante todo o percurso até aqui.

Ao meu irmão, **Lucas Lierbeth de Oliveira**, por sempre estar ao meu lado, comemorando as minhas conquistas e lembrando-me da minha capacidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. **Auríbio Farias Conceição**, por toda dedicação, disponibilidade, paciência e serenidade na orientação desta pesquisa.

Aos meus colegas, especialmente, **Kauana Ricelle de Lima Silva** e **Viviane Vieira de Oliveira**, pela amizade, cumplicidade, apoio e incentivo constante, por sempre acreditarem em mim, e por me encorajar a vencer os momentos de desânimo.

Ao programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), particularmente à professora **Bianca Solene Fonseca da Silva** e ao professor **José Helber Tavares de Araújo**, por oportunizar o meu contato com a docência ainda durante o curso.

À professora **Mauriene Silva de Freitas** e ao professor **Anderson Rany Cardoso da Silva** por me darem a oportunidade de ser monitora, e pelas experiências e aprendizados adquiridos durante este período.

Por fim, gostaria de agradecer aos docentes do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, *campus IV*, por terem sido peças fundamentais no meu desenvolvimento intelectual, me proporcionando os conhecimentos e vivências essenciais para minha formação docente.

Ser nós mesmas faz com que nos isolemos de muitos outros e, entretanto, ceder aos desejos dos outros faz com que nos isolemos de nós mesmos.

(Clarissa Pinkola Estés)

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo central analisar a obra *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz, priorizando as posições das personagens femininas Maria Moura e Marialva frente à sociedade do seu tempo. Especificamente, refletir sobre o significado do ser mulher para a sociedade patriarcal e para as duas personagens; identificar as relações de poder presente na trama, a fim de compreender as posturas que as personagens assumem diante desse contexto; compreender os valores, condutas e comportamentos das personagens para constatar as diferentes possibilidades de ações e reações delas. A metodologia adotada em questão define-se como análise do discurso literário, visto que analisa a postura feminina com relação às imposições da cultura patriarcal. A pesquisa foi realizada com base em um aporte teórico metodológico de cunho bibliográfico, especificamente centrado nas concepções de Beauvoir (2016a) (2016b), Bourdieu (2012), Butler (2018), Galvão (1998) e Silva (2017). Após a pesquisa realizada foi possível inferir que as personagens, objetos de estudo, apresentam aproximações e distanciamentos marcantes, e que ambas assumem posturas diversas perante as relações de poder: Marialva consegue libertar-se da dominação dos irmãos, mas volta a submissão ao sujeitar-se às vontades do marido. Maria Moura, por sua vez, resiste ao poder, transgride e inverte os papéis, assumindo uma postura de dominação.

**Palavras-Chave:** Literatura Brasileira. Submissão. Resistência. Representações Femininas.



## ABSTRACT

The present research aims at analyzing the novel *Memorial de Maria Moura* (1992), by Rachel de Queiroz, focusing on the positions of the female characters Maria Moura and Marialva regarding the society of their time. Specifically, reflecting on the significance of being a woman in a patriarchal society and for the two characters; identifying the power dynamics present in the plot in order to understand the stances adopted by the characters in this context; comprehending the values, conduct, and the characters' behaviors to ascertain the distinct possibilities concerning their actions and reactions. The adopted methodology under discussion is defined as the analysis of a literary discourse as it examines the female stance in connection with the impositions of a patriarchal culture. This research was conducted based on a bibliographic theoretical-methodological framework, specifically aligned with the views of Beauvoir (2016a) (2016b), Bourdieu (2012), Butler (2018), Galvão (1998) and Silva (2017). Thus, after the conducted research, it was possible to infer that the characters, the subjects of study, manifest noticeable similarities and differences and both assume diverse stances related to power dynamics: Marialva manages to release herself from her brothers' domination but returns to submission by complying with her husband's wishes. Maria Moura, on the other hand, defies power, transgresses and reverses roles, assuming a dominant position.

**Keywords:** Brazilian Literature. Submission. Resistance. Female Representations

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O SIGNIFICADO DO SER MULHER: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>3 AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM <i>MEMORIAL DE MARIA MOURA</i>.....</b>	<b>18</b>
3.1 Marialva, espelho da mulher do século XIX.....	18
3.2 Maria Moura, um símbolo de resistência e transgressão feminina.....	24
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com a literatura de Rachel de Queiroz foi através do romance *O Quinze* (1930), lido no 9º ano do Ensino Fundamental. Na época, fiquei muito encantada com a personalidade da personagem Conceição, pois sua postura independente era muito diferenciada para o contexto em que a obra está inserida. Posteriormente, já na graduação do curso de Letras, conheci algumas crônicas e o romance *Memorial de Maria Moura* (1992) e me impressionei com a força e ambições da personagem Maria Moura, principalmente por ela ser uma mulher na sociedade do século XIX, na qual o sistema patriarcal era muito vigente. Assim, surgiu a necessidade de analisar essa postura de resistência da personagem, bem como, em contraposição, a submissão representada pela personagem Marialva.

Diante disso, desde a colonização do Brasil no século XVI, predominou na sociedade o sistema patriarcal, cuja realidade das mulheres era de invisibilidade, sendo consideradas tão inferiores, menores e irrelevantes ao ponto de serem confinadas ao ambiente doméstico, excluídas dos espaços de poder e moldadas a não possuírem um senso crítico. Além disso, jamais eram reconhecidas como protagonistas de suas conquistas e realizações, não tendo, assim, suas histórias contadas.

Foi somente depois da segunda metade do século XX que essa realidade começou a mudar e as mulheres passaram a conquistar seus direitos e espaços na sociedade. Dessa forma, no século XIX, a cultura patriarcal era algo extremamente presente, principalmente nos contextos rurais. É neste cenário que o romance *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz, fixa sua trama. Diante disso, esta pesquisa baseia-se na seguinte problemática: como reagem as personagens femininas do romance *Memorial de Maria Moura* em face dos dogmas e dilemas sociais da cultura patriarcal?

Para isso, objetiva-se analisar a obra *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz, priorizando as posições das personagens femininas Maria Moura e Marialva frente à sociedade do seu tempo. Especificamente, refletir sobre o significado de ser mulher para a sociedade patriarcal; identificar as relações de poder presente na trama e compreender qual é o posicionamento das duas personagens femininas; comparar os valores, as condutas e os comportamentos das personagens selecionadas, a fim de constatar diferentes possibilidades de ações e reações de cada

uma delas.

Entende-se que a relevância desta pesquisa se justifica na importância de abordagem do tema, pois é necessário entender como a cultura patriarcal e as relações de poder entre os gêneros afetam o comportamento das mulheres nas suas ações, escolhas e autonomia. Além disso, é necessário compreender as dificuldades que as mulheres enfrentam na luta para desmitificar a ideia de inferioridade feminina.

A pesquisa se caracteriza como um estudo de cunho bibliográfico e a metodologia adotada em questão define-se como análise do discurso literário partindo do livro *Memorial de Maria Moura* (1992), da escritora Rachel de Queiroz, atentando para a postura feminina com relação às imposições da cultura patriarcal. Assim, para o seu desenvolvimento, privilegiou-se a leitura e fichamentos de textos teóricos sobre o tema. Dessa maneira, o *corpus* teórico utilizado nesta pesquisa está fundamentado em Beauvoir (2019a) (2019b), Bourdieu (2012), Butler (2018), Galvão (1998) e Silva (2017).

Em relação à teoria de Beauvoir (2019a) (2019b), priorizou-se a sua concepção de mulher, cujo objetivo é desmitificar os papéis sociais impostos às mulheres ao longo dos séculos. No que se refere a Bourdieu (2012), buscou-se entender a legitimação da visão androcêntrica no contexto do patriarcado e em que posição essa visão coloca a mulher. Em relação a Butler (2018), privilegiou-se a sua concepção de desconstrução do gênero, da significação das problemáticas de gêneros e da identidade para realizar uma análise comportamental e representativa por meio das personagens analisadas.

A teoria de Galvão (1998) serviu de suporte para entender o conceito e as características da Donzela-Guerreira, bem como, em quais aspectos e atitudes da personagem Maria Moura assemelham-se e diferenciam-se dessa concepção. Por outro lado, a teoria de Silva (2017) serviu de apoio para entender os aspectos da identidade e da diferença sob a perspectiva dos estudos culturais.

Este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro, intitulado “O significado do ser mulher: uma análise das influências socioculturais”, está destinado à reflexão sobre o significado do ser mulher do ponto de vista da sociedade patriarcal. No segundo capítulo, denominado: “As representações de gênero em *Memorial de Maria Moura*”, serão analisadas as personagens Maria Moura e Marialva, com o objetivo de observar os valores, as condutas e os comportamentos de cada uma delas perante as situações e imposições da sociedade, a fim de identificar semelhanças e diferenças em suas posturas diante das relações de poder.

## 2 O SIGNIFICADO DO SER MULHER: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS

Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma importante filósofa existencialista do século XX, que se dedicou a pensar e questionar a condição feminina na sociedade e a relação de opressão entre os sexos. No primeiro volume de sua obra *O Segundo Sexo* questiona inicialmente “O que é uma mulher?”, a fim de fazer uma busca sobre qual é a situação existencial compartilhada pelas mulheres, identificar as características e que tipo de essência foi colocado para considerar alguém como mulher. Diante disso, ela afirma que:

[...] o conceitualismo perdeu terreno: as ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de entidades imutavelmente fixadas, que definiriam determinadas características como as da mulher, do judeu ou do negro; consideram o comportamento como uma reação secundária a uma *situação* (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 10).

Então, não há uma essência primitiva que caracterize as mulheres, mas há uma *situação* que as caracteriza na sociedade: a opressão. Pois, a mulher não é vista como um sujeito autêntico e autônomo, sendo considerada, portanto, o “outro” para o homem e para si mesmo, já que ela não se coloca autenticamente como Sujeito. Dessa forma, ao mesmo tempo que o sujeito autêntico define-se a si mesmo, o inautêntico define-se a si mesmo como o outro do um. Por conseguinte, quando o homem se considera o “primeiro” e o “essencial”, define-se como superior e coloca a mulher em situação de inferioridade. Assim:

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 12-13).

Com isso, essa necessidade do homem em afirmar-se como superior à mulher, construiu-se historicamente e culturalmente um discurso que enfatizava a inferioridade natural da mulher em relação ao homem em razão de sua fragilidade física. Então, “a vontade masculina de expansão e domínio transformou a incapacidade feminina em maldição” (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 113). Isto é, por a mulher possuir limitações físicas

para alguns trabalhos devido ao seu estado de gravidez, foi considerada pelo homem como um ser de menor grau de domínio sobre o mundo e, conseqüentemente, inferior a ele, sendo, portanto, destina a ela a posição de “outro”. Diante disso, o homem se autodenominou portador do poder de moldar as convenções sociais, a cultura e a divisão de espaços para oprimir as mulheres e confina-las ao ambiente doméstico.

Para Butler (2018, p. 17), “[...] a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina”. Dessa forma, o poder patriarcal afirma-se ao associar as mulheres a certos padrões de identidade feminina, construídos a partir de condutas e regras relacionadas à feminilidade. De acordo com essa cultura opressora, as mulheres deveriam incorporar esses valores em suas práticas sociais de forma a unir corpo e mente a seguirem os princípios necessários para firmar-se nessa identidade feminina.

Por outro lado, caso as mulheres tenham resistência em seguir esses paradigmas, a fim de exercer práticas que objetivam a liberdade, elas terão suas identidades questionadas. Dessa forma, a cultura patriarcal impede as mulheres de serem autônomas na construção de suas próprias identidades, bem como, impossibilita-as de atenderem seus desejos, individualidades e de conseguirem soltar as amarras e se livrar dos fardos pesados que lhes foram impostos ao longo de uma história marcada pela exclusão e pela visão androcêntrica.

Segundo Garcia (2011, p. 15), o androcentrismo é caracterizado por “[...] considerar o homem como medida de todas as coisas”, atribuindo a ele a representação da humanidade. Desse modo, a visão androcêntrica propagada em massa por meio da cultura, permitiu que o homem ocupasse o lugar de destaque em épocas e espaços importantes, limitando as mulheres a viverem sob o domínio e a sombra do homem, visto que as leis sociais foram criadas pelo e em favor do homem. Além disso, esse poder estabelece uma ordem que, em seu sistema, não é permitido transgressões, a mulher deve concordar com todos os padrões de dominação estabelecidos. Bourdieu (2012) afirma que:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, [...], por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade [...] (Bourdieu, 2012, p. 45).

Dessa forma, as instituições de controle social constituídas pelo sistema patriarcal agem em forma de violência simbólica, incorporada e reproduzida inconscientemente pelas mulheres. Consequentemente, as relações de gêneros que validam a hierarquia culturalmente aceita pela sociedade torna-se uma prática naturalmente seguida por todos.

Segundo Perrot (1992, p. 186): “o século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um”. Diante disso, à mulher era resignado o espaço do lar, da maternidade e do casamento; ao homem, os cargos de poder. Assim, fica claro que os caracteres biológicos demarcam os espaços sociais masculinos e femininos, gerando, assim, uma naturalização das diferenças sociais que limitam o espaço das mulheres ao ambiente doméstico e proporcionando aos homens os espaços de poder e prestígio social.

Nesse viés, a naturalização da interpretação social unicamente masculina como uma prática generalizada é consequência da visão androcêntrica, uma das principais características da sociedade patriarcal. Nessa perspectiva, os princípios da visão androcêntrica resultam na incorporação do preconceito sob as mulheres, pois vivem em uma sociedade comandado sob a ótica do patriarcado. Por sua vez, segundo Reguante (2021), esse sistema define-se como:

Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível (Reguant, 2001, p. 20 *apud* Garcia, 2011, p. 17).

Dessa forma, a cultura patriarcal vê o homem como a figura detentora da autoridade e do domínio do poder político, econômico e familiar; por outro lado, vê a mulher como um ser inferior destinado a viver enclausurado ao ambiente doméstico e ao rígido código imposto pela sociedade. Esse sistema estabeleceu-se no Brasil no século XVI, a partir de sua colonização e exerceu forte domínio até meados do século XX, colocando, assim, por muitos séculos, as mulheres em segundo plano quando o assunto se relacionava ao direito de escolha e autonomia pessoal. Segundo Beauvoir (2019a):

[...] o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 112).

Por conseguinte, a mulher permaneceu em estado de vulnerabilidade em relação ao homem desde as primeiras civilizações, uma vez que o domínio sempre pertenceu ao homem. Sendo que ao longo da história essa conduta ficou conhecida como patriarcado. Este, por sua vez, adquiriu certa expressividade cultural dentro da sociedade, fato que influenciou diretamente no tratamento das mulheres, sendo por muito tempo, vistas como objeto de prazer, que deveria servir ao marido e aos filhos sem se opor.

Em virtude desse sistema, a sociedade impõe às mulheres limites referentes ao corpo desde a infância, sendo destinadas a seguir regras da boa conduta que regulam constantemente todos os seus comportamentos, o modo de se vestir, em qual momento mover-se ou ficar imóveis e a ser obediente. Sendo, portanto, moldadas para serem esposas perfeitas, submissas ao marido e, posteriormente, aos filhos homens. Em relação a isso, Simone Beauvoir (2019b) destaca que a sociedade, portanto:

[...] propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toilette, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas de que precisa tratar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento [...] (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 26).

Com isso, percebe-se que o ideal de mulher para a sociedade patriarcal deveria ser criado a partir de uma educação superficial estritamente voltada para serem boas esposas e boas mães, saberem administrar um lar e se preocuparem apenas em serem um exemplo de beleza, de moral e dos bons costumes. Dessa forma, para que essa cultura de obediência e procriação fossem um padrão de identidade feminina, elas eram ensinadas desde a infância a terem orgulho de sua feminilidade, isto é, eram conduzidas a serem sempre passivas, submissas, doces e meigas.

Nas sociedades patriarcais, segundo Rocha-Coutinho (1994), o homem é considerado “o *‘pater familias’*, que detém o poder não somente sobre os escravos, empregados e agregados, como também sobre seus filhos e esposa” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 67). A mulher está, portanto, sob o domínio do homem, ocupando sempre uma posição secundária. Durante muito tempo, esse discurso de inferioridade feminina



permaneceu enraizado nas vidas de homens e mulheres e pouco o questionavam. A maioria das mulheres acomodava-se ao ambiente familiar dominado pelos homens e ao sentimento de proteção cotidiana. Assim, elas viviam para o bem estar dos filhos e do marido, e esqueciam de pensar sobre si mesma. Por conseguinte, Lerner (2019) afirma que:

[...] o sistema patriarcal só funciona com a cooperação das mulheres [...]. As mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade. Como apontou Beauvoir: "o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos (Lerner, 2019, p. 21).

As mulheres sempre tiveram uma educação sexista que ensinava que elas deveriam procurar agradar, fazer-se objeto e renunciar sua autonomia, isto é, ensinavam-lhes a "ser-outro". Segundo Beauvoir (2019a), um sujeito só se torna "Outro" quando ele é posto assim pelo Um que se define como Um. Dessa forma, a mulher poderia definir-se como Um, mas devido a ter sido alienada por essa educação sexista desde a infância, deixa de se impor como Sujeito e perpetua a própria opressão, permitindo, assim, que o sistema patriarcal se fortaleça ainda mais.

Além disso, ser mulher para o patriarcado é ser propriedade do homem. Nesse sentido, as mulheres eram consideradas um objeto de troca que consolidava uma relação entre homens, sendo ofertadas de uma família para outra, por meio do casamento. Sendo assim, elas não tinham autonomia ou poder de escolha sobre seu casamento, pois era o "chefe da família", o pai, quem decidia com quem a filha ia se casar e ficava encarregado de firmar o acordo com o pretendente. Nessa relação de troca, o pai se beneficiava com o dote oferecido pelo marido, enquanto o marido favorecia-se dos bens que a mulher possuía. Ao contrário da noiva que, segundo Butler (2018):

[...] funciona como termo relacional entre grupos de homens; ela não tem uma identidade, e tampouco permuta uma identidade por outra. Ela reflete a identidade masculina, precisamente por ser o lugar de sua ausência. (Butler, 2018, p. 62)

Portanto, em uma sociedade patriarcal, no casamento, uma natureza simbólica de troca, apenas o homem é contemplado com benefícios e permanece com uma identidade. Por outro lado, à mulher só é destinado o direito de obedecer e aceitar as

escolhas impostas a ela, sendo assim, retirada completamente sua autonomia e seus desejos. Dessa maneira, segundo Beauvoir (2019a):

atribuindo a si próprio e exclusivamente sua posteridade, o homem desvencilhar-se definitivamente do império da feminilidade, conquista o domínio do mundo à mulher. Voltada à procriação e às tarefas secundárias, despojadas de sua importância prática e de seu prestígio místico, a mulher não passa desde então de uma serva (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 115).

Assim, segundo a autora, o destino das mulheres está sempre sob a tutela dos homens, tendo suas vidas traçadas por meio dos princípios masculinos a fim de colocá-las sempre em função deles, seja para procriar e continuar a linhagem, seja para simplesmente seguir o destino escolhido por eles: casar e viver em torno da família, que de um modo ou de outro, é liderada pelo homem, como vimos anteriormente. Por conseguinte, “[...] a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência” (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 394). Isto é, quando ela atinge a sua velhice e encontra-se impossibilitada de realizar as tarefas domésticas e de procriadora impostas a ela.

Entretanto, apesar da forte predominância do sistema patriarcal, muitas mulheres tinham anseios de serem reconhecidas socialmente e de mostrarem sua força e capacidade de atuarem em todos os espaços, não só no ambiente doméstico. Segundo Beauvoir (2019a): “todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender” (Beauvoir, 2019a vol. 1, p. 26). Diante disso, para que um sujeito consiga se colocar no mundo e atuar ativamente, precisa transcender. Logo, para que as mulheres alcancem esse estado de transcendência é preciso lutar contra a imanência que dela se espera.

A partir disso, mesmo com o patriarcado em vigência na sociedade, ocorreram muitas mudanças, principalmente após a chegada da família real ao Brasil, no século XIX. Consequentemente, para que as mulheres conquistassem um pouco mais de espaço na sociedade, tiveram que lutar por seus direitos. Assim, as mulheres negaram a perspectiva patriarcal de que sua existência estaria intrinsecamente ligada a função de mãe e esposa, confinadas ao ambiente doméstico. No contexto do século XXI, as mulheres tem esse poder de escolher permanecer ligadas a maternidade, ao casamento e ao lar, pois encontram ali sua realização, mas também podem negar essas imposições patriarcais e tomar atitudes, conquistar espaços de poder e se afirmar como sujeito sem precisar da maternidade ou do casamento para tal.

### 3 AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*

#### 3.1 Marialva, espelho da mulher do século XIX

O romance em análise tem a sua ambientação situada no nordeste brasileiro do século XIX, cuja sociedade vivia sob os códigos do patriarcalismo. Desse modo, os princípios sociais impunham a existência de um padrão feminino ligado à submissão, passividade e castidade. Em vista disso, a obra *Memorial de Maria Moura* (1992) traz em sua composição de personagens, Marialva, uma representação crítica acerca deste padrão, no qual as atitudes, os comportamentos e os pensamentos da personagem são um espelho da mulher do século XIX, século em que a cultura patriarcal tinha uma forte predominância.

Marialva é a segunda voz feminina que narra o romance e é uma representação da figura feminina oprimida pela cultura patriarcal. Sua narrativa prioriza seu trajeto pessoal: órfã de pai e mãe, moça virgem e solteira que permanece sob tutela dos irmãos — Tonho e Irineu —, e da cunhada Firma, esposa do Tonho. Entretanto, Marialva é uma personagem secundária, mas importante por fazer essa crítica ao padrão de mulher submissa e passiva cultuado ao longo dos séculos, representando, também, o “avesso de Maria Moura” (Pacheco, 2007, p. 38).

A personagem levava uma vida de sinhazinha, vivia sob os cuidados dos irmãos, da cunhada e de Rubina, uma mulher que havia sido escravizada e trabalhava na casa. Em um de seus discursos ela reconhece estar acostumada com o conforto: “[...] eu era moça de família, acostumada com a minha caminha quente e aos mimos da Rubina” (Queiroz, 2021, p. 299). Entretanto, por viver sob tutela dos irmãos, é submetida a um rígido código de restrições, não tendo liberdade para sair de casa, conhecer e interagir com pessoas fora do seu ciclo familiar.

Neste contexto, a postura da personagem Marialva se assemelha à postura de submissão que Pierre Bourdieu (2012) aborda sobre a cultura das mulheres berberes e cabilas, fazendo uma reflexão de que esse padrão é imposto a todas as mulheres. Assim, observa-se que essa cultura, assim como a cultura patriarcal presente no Brasil, liga a feminilidade a várias restrições como baixar os olhos, aceitar interrupções, permanecer com as costas retas e as pernas juntas, etc. (Bourdieu, 2012). Nessa perspectiva, o autor afirma que diante dessas imposições a feminilidade é medida:

pela arte de 'se fazer pequena' (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo), mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco *invisível* [...], limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo [...] (Bourdieu, 2012, p. 39).

Nesse viés, a sociedade patriarcal impunha estereótipos de feminilidade às mulheres para restringi-las a ambientes propícios ao seu gênero, limitando-as a demonstrações de fé, idas às missas aos domingos, atos de caridade, reuniões beneficentes e salões de dança (Moraes, 2003). Entretanto, como se observa no trecho a seguir: “— É. Eu levo uma vida muito triste, muito sozinha. Não sei como é a vida das outras moças, que vão às novenas, que dançam nas festas... Nunca dancei numa festa, na minha vida!” (Queiroz, 2021, p. 137). Marialva era submetida pelos seus irmãos a um nível de confinamento familiar que a impedia de participar até das poucas manifestações sociais que a mulher era permitida, tendo sua liberdade cada vez mais reduzida.

Entretanto, a condição de inferioridade em que era colocada, não passava despercebida pela personagem. Percebe-se que ela tinha consciência de sua situação social, ao relatar que: “Chorava com [...] pena de mim, de raiva; de me sentir amarrada pela vontade dos outros como se fosse uma corda” (Queiroz, 2021, p. 139). Essas amarras a limitavam ao ponto de ela não poder ir à vila ou em qualquer outro lugar, no máximo, podia ir até os limites do sítio. Dessa forma, percebe-se que em meio às relações de poder que colocam um ser como dominador e outro como dominado, a personagem está, claramente, dentro da segunda posição, pois estando sob a guarda dos irmãos mais velhos, ela é exposta a uma educação que impõe a submissão à mulher.

Segundo Beauvoir (2019a): “Os homens dizem ‘as mulheres’ e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito” (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 15). Nesse sentido, quando Marialva questiona: “Que foi que eu fiz pra me trazerem presa?” (Queiroz, 2021, p. 74), nota-se que ela é vítima das imposições masculinas, mas apesar de ter uma certa liberdade de pensamento para questionar o porquê de estar naquela situação de opressão, não tem autonomia suficiente para opor-se a ela e libertar-se dessas amarras que a continham.

Consequentemente, quando Marialva não adota nenhuma ação para impor-se como Sujeito, ela está destinada a sempre permanecer no lugar do Outro, mantendo-

se, portanto, em um contexto opressor, vivendo “[...] trancafiada, como uma prisioneira [...]” (Queiroz, 2021, p. 136), e sob as ameaças da cunhada que, para exigir obediência e respeito, ameaçava agredi-la com o “relho”. Diante dessas ameaças, Marialva permanecia reclusa, aceitando-as sem tomar uma posição para priorizar suas vontades.

Diante disso, sua trajetória após conhecer um saltimbanco, de nome Valentim, resume-se a sua paixão e espera por ele, ao casamento e a maternidade. Após o encontro de Marialva com Valentim, percebe-se nela as características de mulher ingênua, doce e frágil, pertencente à mulher da sociedade patriarcal, pois a personagem passa a viver seus dias sob suspiros e lamentações, angustiada para receber notícias do homem. No entanto, quando Valentim propõe que fujam para casar, ela muda sua postura para sonhadora: “Passei aqueles dias como se estivesse encantada. A Bela Adormecida, a Princesa Magalona, sei lá, uma coisa assim” (Queiroz, 2021, p. 140). Nesse momento, pode-se observar que a sua espera remete a um sonho de viver os contos maravilhosos que envolviam o imaginário popular.

Com isso, Marialva passar a ansiar o dia em que ela, em condição de princesa encarcerada, ia ser resgatada por um príncipe encantado, de olhos verdes que combinavam com os dela e montado em um cavalo. Nessa perspectiva, destacando seus aspectos de passividade, ela dedica a ele todas as suas esperanças de conhecer: “[...] o mundo lá fora, longe das Marias-Pretas” (Queiroz, 2021, p. 138). Nesse sentido, a personagem assume um caráter de dependência à figura do homem para realizar os seus anseios, pois ela não acredita na sua força e determinação de fazê-lo sozinha.

Entretanto, no ato da fuga de Marialva para casar-se com Valentim, observa-se uma resistência ao destino imposto à sua existência. Além disso, nega as imposições feitas pelos irmãos e, pela primeira vez, prioriza os seus sentimentos e seu desejo de liberdade acima das vontades das outras pessoas. Sendo assim, há uma pequena mudança em sua postura e em seus discursos: “A menina Marialva, tão boazinha, que a Firma trazia debaixo dos pés, tinha sumido. Eu agora como que tinha voado para fora das Marias-Pretas [...]” (Queiroz, 2021, 139). Diante da fala da personagem, percebe-se que as ameaças e imposições da cunhada já não lhe causavam medo, pois ela, diante da possibilidade de libertação, estava mais forte.

Porém, apesar dessa resistência, a personagem não encontra forças para transgredir, impor-se como sujeito e tornar-se dona do seu destino e de suas vontades. Assim, não se considera suficiente para realizar-se e libertar-se daquele

aprisionamento proporcionado por sua família, retomando, portanto, a dependência da figura masculina para fazê-lo: “Valentim podia fazer isso por mim. Só ele — quem mais? [...]” (Queiroz, 2021, p. 139). Diante disso, nota-se que a personagem prende-se na força e capacidade de Valentim de tirá-la do sítio das Marias-Pretas, visto que não considerava seus próprios esforços como uma opção. Segundo Beauvoir (2019a),

[...] ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de se construir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida (Beauvoir, 2019a, v. 1, p. 17-18).

Diante disso, percebe-se que Marialva não ousa romper com os preceitos, e diante da sua condição de invisibilidade e submissão, aceita-as, colocando-se em uma armadilha, pois a submissão ocasiona a negação de sua liberdade, impossibilitando a sua afirmação enquanto sujeito, tornando-se, portanto, dependente das vontades masculinas. Assim, na cena de sua fuga, necessita da ajuda de seu meio-irmão Duarte, para fazê-lo, assumindo uma postura de passividade ao “esgueirar-se” sorrateiramente e precisar ser “guiada” por uma figura masculina, após ser amparada em seus braços, reforçando, assim, a ideia de força masculina e fragilidade feminina:

Deixei passar algum tempo, aí me esgueirei para a sala, conforme o combinado com Duarte. Abri devagarinho o ferrolho da janela. Não demorou, escutei alguém arranhando a dita janela; puxei a folha, me sentei ligeira no peitoril, caí nos braços de Duarte que me esperava [...]. Duarte foi me guiando até a porteira. Lá estava Valentim, segurando pela rédea um cavalo claro (Queiroz, 2021, p. 143).

Outro aspecto da personalidade de Marialva é a sua preocupação com as opiniões da sociedade, como as pessoas veriam a sua atitude de romper os laços com seus irmãos para viver ao lado de quem ela amava: “[...] sabia lá o que iam pensar de mim, boa coisa não seria, moça maluca, pra não dizer pior, capaz de largar a família e se atirar pelas estradas do mundo, na garupa do namorado...” (Queiroz, 2021, p. 223). Diante disso, como percebe-se no discurso da personagem, mesmo tendo cedido às convenções e se casado oficialmente com Valentim, ela demonstra que tinha receio de ser julgada pela família dele, pois a sociedade considerava desonrada a mulher que tivesse relações sexuais com um homem sem ser casada com ele.

Em um terceiro momento da narrativa, Marialva, já casada com Valentim, submete-se à vida de nômade, acompanhando seu marido e a família dele nos espetáculos do circo. Por conseguinte, passa a realizar atividades de trupe designadas pela família dele. Posteriormente, a personagem, após ver Valentim dedicando-se para aprender o número com as facas, encontra-se temerosa, pois sabe que ela, em condição de esposa, será obrigada a servir como alvo vivo. Diante disso, ela comenta:

Eu, defronte, tinha até arrepios de pavor. E sabia muito bem que Valentim não via a hora de se considerar pronto, me obrigar a abrir os braços, encostada naquela tábua. E ficar esperando, sem tremer, o zumbido do aço frio voando na minha direção. Será que eu gostava tanto dele, a ponto de ser capaz, um dia, de enfrentar o terror da morte? (Queiroz, 2021, p. 231).

Por meio da fala da personagem percebe-se que ela se encontra novamente em meio a imposições de ordem masculina. Assim, Marialva, diante de uma situação de perigo contra a sua vida, questiona se seria capaz de curvar-se mais uma vez perante as vontades das outras pessoas e se o seu amor pelo marido era tão grande a ponto de enfrentar os seus medos. Dessa forma, a personagem tem a possibilidade de priorizar-se acima dos outros, entretanto, distanciando-se mais uma vez de Maria Moura, ela prefere priorizar os desejos do seu amado: “Então, um dia, só para ver a que loucura a gente chega por amar [...], me levantei, me dirigi para o alvo, me coloquei em posição e disse: — Já está na hora de você praticar comigo” (Queiroz, 2021, p. 233-234).

Perante isto, vê-se nitidamente um ato de coragem da personagem ligado a uma demonstração de amor, mas um amor ligado à noção de submissão, isto é, ela realiza esta ação para provar sua entrega total ao marido, mesmo que essa situação em que ela se submeteu, ponha sua vida em risco. Segundo Bourdieu (2012):

[...] a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, de se submeter (o contrário de "pôr-se acima de"), nas posturas curvas, flexíveis, e na docilidade correlativa que se julga convir à mulher (Bourdieu, 2012, p. 38).

Neste aspecto, as ações de Marialva são um reflexo dessa submissão feminina, pois ela se submete às imposições e ordens dos homens. Primeiramente, como vimos, ela aceita a condição em que vivia na casa dos irmãos, sendo humilhada e maltratada por eles e, principalmente, pela Firma, precisando de uma “intervenção mágica” de um homem para resgatá-la. Posteriormente, apesar de ter uma sensação de liberdade

conquistada através do casamento, ela, mais uma vez, é inferiorizada, pois além de sujeitar-se ao perigo do número das facas, ela é privada de realizar os seus desejos para agradá-lo, como se nota no seu discurso: “Eu achei bonita aquela defesa dele. Mas estava com os pés formigando, tanta vontade me dava de dançar também” (Queiroz, 2021, p. 304).

Diante disso, por meio das atitudes de Marialva, a personagem demonstra que compactua com o sistema patriarcal, pois não impõe sua vontade acima da vontade dos outros. Assim, ela enfatiza a concepção decretada por uma sociedade comandada por homens de que a mulher é inferior. Por conseguinte, ela carrega em si pensamentos e percepções de mundo que refletem as estruturas e regras de boa conduta e moral que lhes foram impostas por meio de sua educação. Segundo Bourdieu (2012),

[...] quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmo da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento* de submissão (Bourdieu, 2012, p. 22).

Nessa perspectiva, como citado anteriormente, Marialva teve uma educação sob a ótica patriarcal, logo, teve contato com o ideal social que via com maus olhos as mulheres que fugissem dos padrões femininos e de suas regras. Assim, ela, aceitando sua submissão, reproduziu esse conceito em seus julgamentos sociais. Diante disso, em uma espécie de perpetuação da opinião social, a personagem demonstra sentimentos de estranheza e preconceito perante a postura liberta de sua prima, como podemos ver no discurso a seguir:

Arrastar a asa à tal de prima do Limoeiro, que o povo falava tanto mal dela; mulher que anda de cavalo escanchada feito homem. Tão danada, que não teve medo de ficar sozinha com as cunhãs, no Limoeiro, mesmo depois que houve duas mortes na casa dela (Queiroz, 2021, p.74-75).

Ademais, outro pensamento e princípio que se manifesta em Marialva como reflexo de sua educação patriarcal é o seu desejo de ser mãe. Segundo Beauvoir (2019b): “É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie” (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 279). Diante disso, estando a maternidade ligada a ela desde o seu nascimento, a personagem cria



uma imagem idealizada, esperando que esse estado se manifeste magicamente, dando indícios surpreendentes. Percebe-se isto quando ela descobre que está grávida:

[...] Então uma coisa importante como ter um filho começa de maneira tão idiota — se desmaiando? Eu pensava que, quando um filho fosse concebido, a gente havia de sentir a diferença — um calor por dentro, uma luz... e eu até me lembrava do Anjo e da Virgem Maria... Mas desmaiar, na hora do trabalho, cair no chão num faniquito... (Queiroz, 2021, p. 298-299).

Por outro lado, ela cresce com a ideia de que a maternidade estava ligada a todas as mulheres e aquelas que não tinham filhos eram vistas com maus olhos, como no caso de sua cunhada. Assim, quando ela se casa, o anseio pela concretização desse estado amplia-se ao ponto de ela ficar desesperada achando que não teria filhos, assim como a Firma: “A gente estando casados há mais de três anos, eu até já tinha me desvanecido da ideia de ter família. Pensava que podia ser castigo de Deus, por eu zombar tanto da Firma, que era maninha” (Queiroz, 2021, p. 299). Através do discurso da personagem, percebe-se a valorização da maternidade e sua não concretização era considerado uma fraqueza da mulher ou algum castigo divino por seus pecados.

Portanto, percebe-se que a personagem Marialva é a representação da mulher escravizada pelas convenções e dogmas da sociedade patriarcal, cuja dominação masculina coloca-a em um estado de inferioridade do qual ela não consegue sair. Diante disso, ela configura-se como a mulher submissa que aceita o destino que lhe é imposto, inserindo em sua personalidade a passividade e a ingenuidade. Por conseguinte, ela encontra sua realização pessoal no casamento e na maternidade, porém, é mais uma vez colocada em situação de submissão, precisando entregar-se por completo às vontades do esposo e do filho homem.

### **3.2 Maria Moura, um símbolo de resistência e transgressão feminina**

Rachel de Queiroz apresenta em *Memorial de Maria Moura* (1992) uma narrativa protagonizada pela personagem Maria Moura, mulher criada na zona rural do sertão nordestino sob os códigos da sociedade patriarcal do século XIX. Entretanto, diferentemente de Marialva, personagem que seguia o modelo ideal de mulher submissa, não aceita ser submetida àquela condição por toda a sua vida. Visto que,

compactuava desde a sua infância com pensamentos de liberdade, anseios de poder e princípios contrários às convenções sociais tradicionais. Dessa maneira, com um ato de resistência, rompe as amarras e transgride, transformando-se em uma mulher conhecida por sua força e liderança.

Vale ressaltar, porém, que antes de ela alcançar esse estágio de transgressão, a personagem percorre por diferentes estágios, oscilando entre a submissão e a resistência, apresentando aproximações e contrastes com Marialva. Dessa forma, ela passa por uma evolução de pensamentos, atitudes e prioridades, mas sempre com o desejo de mudança e de liberdade presentes em seus anseios. Por esta razão, percebe-se que Maria Moura nunca foi completamente coerente com o modelo ideal de mulher estabelecido pela sociedade patriarcal, pois ela resiste desde os seus primeiros passos.

A personagem é filha única de fazendeiro e por pertencer a classe média alta da sociedade, recebeu uma educação condizente com os princípios do patriarcado, sendo submetida às restrições que limitavam sua liberdade de agir conforme os seus interesses e desejos: “O mundo lá fora era grande e eu não conhecia nada para além das extremas do nosso sítio” (Queiroz, 2021, p. 65). Por esse viés, como pode-se observar no discurso da personagem, seus traços de submissão estão intrinsecamente ligados à época em que vivia sob o domínio de seus pais, pois eram eles que ditavam o que ela podia ou não fazer.

Ademais, pode-se ver traços de semelhanças da protagonista com a condição opressiva em que Marialva vivia, principalmente quando ela afirma: “Eu sempre tinha vivido trancada em casa [...]” (Queiroz, 2021, p. 126). Desse modo, o sistema patriarcal, por meio das restrições impostas pelos pais e irmãos das personagens, colocava-as em uma situação semelhante de aprisionamento ao ambiente do lar e às vontades daqueles que as restringiam.

O romance não narra a vida de Maria Moura de forma linear e temos acesso à infância apenas por meio de suas lembranças já na fase adulta. Diante disso, em uma das pausas e digressões no fluxo contínuo da narrativa, ela relembra a sua condição de aprisionamento:

[...] depois de moça, a gente fica presa dentro das quatro paredes de casa. O mais que sai é até o quintal para dar milho às galinhas, uma fugidinha ao roçado antes do sol quente [...]. O curral é proibido, vive cheio de homem. E ainda tem o touro, fazendo pouca vergonha com as vacas. Fica até feio moça ver aquilo. Restava ainda o banho no açude, tomado bem cedinho, a água

ainda morna. Mas banho só naquela hora certa, que os homens respeitam. (Queiroz, 2021, p. 65).

Segundo Beauvoir (2019b): “quanto mais a criança amadurece, mais seu universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma” (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 32). Diante disso, a mocidade de Maria Moura era o reflexo do padrão de identidade estabelecido pela sociedade: a mulher em posição de sinhazinha e confinada à casa sob o pretexto de preservar e proteger a mulher e a imagem da família. Por conseguinte, ela habitava um espaço dividido em dois: o permitido e o proibido. Como podemos observar na citação acima, o primeiro permeia apenas o quintal, o roçado e, de manhã cedo, o açude. O segundo está ligado ao curral, lugar de homem e do acasalamento das reses, e ao açude, durante o resto do dia, pois era a hora que os homens transitavam

Entretanto, diferentemente de sua prima, Maria Moura ansiava pelo dia que iria sair daquele sítio e desde menina já tomava atitudes que iam contra os preceitos tradicionais, como, por exemplo, sair “[...] pela mata com os moleques, matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia” (Queiroz, 2021, p. 65). Desse modo, quando a protagonista nega as divisões de gêneros que o sistema patriarcal impunha entre as brincadeiras de crianças próprias de meninos e meninas, ela reafirma mais uma vez o seu desejo de se libertar das convenções sociais que a prendiam à instituição do casamento e da maternidade.

Segundo Barbosa (1999, p. 29), “essa situação dúbia, que limita a heroína a um espaço restrito, leva-a a sonhar com um mundo cheio de aventuras [...]”. Sendo assim, a personalidade de Maria Moura nunca se encaixou nos padrões da sociedade patriarcal e nos moldes de mulher submissa, tanto que ela assume: “O fato é que nunca, na minha vida, eu tinha feito o que mãe queria de mim. Desde o começo, quando fui me botando mocinha e sentia que me sufocava naquela casa do Limoeiro” (Queiroz, 2021, p. 125). Assim, percebe-se que Maria Moura tem anseios de ir além dos limites do sítio, então, as restrições e imposições manifestavam-se como forma de aprisionamento do seu espírito livre, sufocando-a para encaixá-la nos padrões sociais.

Nesse viés, uma hora ou outra ela ia tomar alguma atitude e libertar-se daquele enclausuramento. Porém, a morte de sua mãe antecipou os acontecimentos, visto que Maria Moura, aos dezessete anos, vê-se completamente órfã e, sem o auxílio de parentes, ficando à mercê apenas do seu padrasto, homem ambicioso e devasso. Liberato, o padrasto em questão, aproxima-se da jovem em um jogo ardiloso de

sedução até Maria Moura entregar-se aos seus carinhos, sem importar-se em ser um ato pecaminoso e ir contra os códigos de honra:

Começou mais como uma brincadeira. E aos poucos [...] é que foi ficando uma brincadeira perigosa. Devagar, devagar. Os carinhos se tornando cada noite mais atrevidos, se adiantando, indo longe demais. E eu só sei que nem cheguei a ter remorso, parecia tudo até natural (Queiroz, 2021, p. 24).

Segundo Beauvoir (2019b): “A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre. A jovem que cede por fraqueza ou surpresa [...] se acha desonrada” (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 132). Por meio do discurso e ações da personagem, percebe-se que mais uma vez ela resiste às convenções sociais e suas tradições que atribuem a castidade à mulher e exige que ela se mantenha virgem até o casamento. Nesse sentido, quando Maria Moura segue seus próprios princípios em relação à virgindade, distancia-se novamente da personalidade e das ações de Marialva, pois ela teve que casar-se oficialmente para seguir os passos de Valentim, preocupando-se sempre em mostrar a certidão para comprovação e preservação da honra.

No primeiro momento da obra, Maria Moura encontra-se em uma situação de perigo contra sua vida, pois Liberato revela suas verdadeiras intenções e incentiva a jovem a assinar a procuração que passava as terras do Limoeiro para o domínio dele. Porém, ela nega e passa a viver sob constantes discursos de ameaças do padrasto, como: “– ‘Quando uma pessoa se mata, sempre haverá um motivo... Tua mãe, teria um motivo?’ Mais tarde voltava ao assunto: ‘Por acaso, teria sido ela mesma que se matou? Talvez nem fosse...’” (Queiroz, 2021, p. 26). Diante disso, Liberato intimida Maria Moura com a revelação implícita de que matou sua mãe e que poderia fazer o mesmo com ela, caso não assinasse a procuração.

Entretanto, apesar das ameaças constantes do padrasto, ela não se intimida e age: “A sorte minha foi que, mesmo debaixo daquele medo, eu não fiquei sem ação e resolvi me defender. Nas mãos dele eu já estava, e para não ter a sorte de mãe, tinha que atacar, antes que fosse tarde. Era eu, ou ele.” (Queiroz, 2010, p. 26)”. Nesse momento, a personagem narra sua decisão de assassinar o seu padrasto e livrar-se de vez dessas ameaças. É interessante observar que ela, assim como Marialva, foi colocada em situações de medo pela figura masculina, estando a opressão presente na vida das duas personagens.

Como vimos anteriormente, Marialva teve que lidar com as repressões de seus familiares e apesar de libertar-se por meio da figura masculina - Valentim -, que a resgatou em seus braços, como um príncipe encantado, foi posta por ele em uma nova situação de medo e em consequência deste medo, teve que ceder e fazer-se de alvo artístico para seu marido atirador de facas. Maria Moura, por sua vez, mostra-se uma mulher decidida, ciente de seus desejos e da forma como atingi-los, e ao sentir-se amedrontada pelo padrasto resolve destruir a ameaça ao invés de fugir dela.

Diante desta decisão, a personagem realiza seu primeiro ato de resistência. Entretanto, um aspecto importante da personagem é que ela não mata, mas manda matar. Por conseguinte, desde o primeiro assassinato, ela precisa do auxílio masculino, mas nunca deixando o poder escapar de suas mãos. Assim, quem mata Liberato é Jardimino, um de seus empregados, que seduzido pelas promessas de casamento, cede a argumentação e planejamento de Maria Moura:

Na noite da terça-feira, Liberato vinha da Vargem da Cruz, encharcado de genebra, tombando em cima do cavalo. O caboclo esperou escondido numa moita, à beira do lajeado, numa dobra da estrada. Me contou depois que só precisou dar um tiro, encheu ele de chumbo, bem na arca do peito. O desgraçado soltou a rédea e desabou no chão. Já deve ter caído morto (Queiroz, 2021, p. 33).

Após ter concluído o assassinato, Jardimino insiste veementemente na ideia de casamento, porém, Moura, não encontra realização pessoal por meio do matrimônio e não o ver incluso no seu futuro: “E eu, casamento, imagina, casamento, que loucura. Que casamento, e logo com quem. Eu tinha que pensar era na minha herança” (Queiroz, 2021, p. 34). Em vista disso, quando Maria Moura nega a ideia de vivenciar a instituição do casamento, ela está negando “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher [...]” (Beauvoir, 2019b, v. 2, p. 185). Assim, diante dessas atitudes e ideais, a personagem revela suas atitudes transgressoras e recusa ser colocada na posição de Outro e viver uma vida que a coloque presa a um homem e confinada a uma função de reprodutora e serva.

Essa manifestação de aversão contra a instituição é uma reafirmação da construção de sua própria identidade e reformulação dos princípios que lhes foi imposto pela sociedade, pois, como citado anteriormente, ela não mantém uma visão sagrada da virgindade e a perde com o padrasto. Diante disso, a orfandade foi fundamental para a transgressão da personagem (Barbosa, 1999), pois com a morte de

sua mãe, permitiu-se construir sua própria identidade, cujos princípios e objetivos estavam cada vez mais distantes do tradicionalismo da sociedade patriarcal, recusando, assim, a identidade de submissão socialmente construída.

Segundo Woodward (2017):

[...] a identidade como uma questão de 'tornar-se', aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum (Woodward, 2017, p. 29).

Sendo assim, tanto Marialva quanto Maria Moura estavam inseridas em um contexto sócio-histórico que retinha a identidade feminina à sombra dos homens, cujo destino estava intrinsecamente ligado ao casamento e à vida no lar. Entretanto, tiveram reações e posicionamentos diferentes: Marialva submete-se à condição que lhe é imposta, reprimindo seus desejos, sonhos e sua liberdade para ser submissa ao marido e à sociedade, vivendo uma vida sem identidade; Maria Moura, por outro lado, posiciona-se contra o casamento e opõe-se a quaisquer regras sociais, seja os códigos de bom comportamento, papéis tradicionais ou costumes, ela começa a construir sua própria identidade e a desconstruir o estereótipo de mulher que limitava-a e impedia-a de tomar suas decisões.

Por conseguinte, sem medir esforços para alcançar seus anseios, ela decide matar Jardimino por ele estar atrapalhando a sua liberdade e exigindo o casamento. Para isto, Maria Moura convence João Rufo, um outro funcionário da fazenda e seu primeiro homem de confiança, de que estava em estado de perigo e precisava de ajuda: “— Eu ando com medo, João Rufo. Esta noite andou aqui um homem querendo arrombar a janela do meu quarto. Não vi quem era, mas dava para se escutar muito bem o fôlego curto dele [...]” (Queiroz, 2021, p. 35). Por meio do discurso da personagem, percebe-se como ela coloca-se como vítima a fim de enfatizar sua necessidade de uma figura “salvadora”.

Assim, observa-se na personagem a consciência que a sociedade do século XIX atribui a fragilidade e a ingenuidade à mulher, enquanto eram relacionadas força e virilidade à imagem do homem. Nesse sentido, ela apropria-se desses princípios para articular os seus jogos e conseguir o que queria. Nos dois momentos, apropria-se da necessidade de proteção da figura masculina, a fim de convencer os homens a

cometer os assassinatos. Então, assim como convenceu Jardimino a matar Liberato, convence João Rufo a matar Jardimino:

Assim morreu Jardimino, quase do mesmo jeito de que tinha morrido o outro, o Liberato, com um tiro do próprio bacamarte dele. E a garrucha, meu pai devia ter deixado para defender a filha dos ataques de homem, que é coisa que não falta a mulher, neste mundo (Queiroz, 2021, p. 36).

Segundo Barbosa (1999, p. 45), “Todos os crimes arquitetados por Moura simbolizam a ultrapassagem de obstáculos que se interpõem entre ela e seus objetivos. Quando não é possível removê-los pacificamente, manda exterminá-los”. Por conseguinte, ao perceber que tanto Liberato quanto Jardimino eram ameaças contra a sua liberdade, ela não mede esforços para alcançar seus objetivos, usando o jargão “[...] ou eles, ou eu” (Queiroz, 2021, p. 26). Diante disso, de forma astuciosa, ela utiliza-se de todos os recursos possíveis para conseguir aquilo que deseja, livrando-se dos empecilhos sem sequer sujar as mãos de sangue.

Diante disso, Maria Moura, desde a sua infância, cultivava seu espírito guerreiro, ansiando por enfrentar tudo e todos para conseguir vencer e alcançar aquilo que almejava. Dessa forma, ele é despertado quando Tonho e Irineu reivindicam as terras do Limoeiro, herança do seu avô materno. Então, enquanto Marialva não enfrenta seus irmãos - os mesmo que estão tentando tirar as terras de Maria Moura; esta, por sua vez, mostra para eles que não era uma mulher frágil e indefesa, mas sim uma mulher forte e guerreira com coragem de enfrentá-los e expulsá-los de sua propriedade:

Me senti tão enfurecida que de novo me levantei do banco e corri abrir a cancelinha do alpendre. E botei os dois pra fora: [...]. E, para rematar, me virei para os primos, procurando imitar o que eu ainda lembrava das palavras de Pai: — Se acham que têm parte na herança, vão procurar os seus direitos na justiça. E agora adeus, boa viagem (Queiroz, 2021, p. 40-41).

Neste momento, percebe-se que a coragem e a determinação de Maria Moura são de uma tamanha intensidade que os desafios que ela enfrenta tornam-se inferiores e pequenos. Uma vez que ela enfrenta tudo com vigor, orgulho e soberania, nunca demonstrando fraqueza ou colocando-se em posição de incapacidade. Diante disso, mesmo ciente que, nesta briga, a lei estava contra ela, e com a certeza de que seus primos não iriam desistir, ela vê a necessidade de agir e resistir contra o poder: “Minha primeira ação tinha que ser a resistência” (Queiroz, 2021, p. 45). Por meio da fala da

personagem, percebe-se sua força e coragem de lutar e defender aquilo que ela prioriza, nesse caso, sua liberdade e suas terras.

Nesse viés, diante do cenário da disputa de terras, nota-se outro aspecto interessante da personalidade de Maria Moura: seu espírito de liderança. Assim, a menina sonhadora transforma-se em uma mulher indomável que se autodenominava guerreira e, estrategicamente, reúne um grupo de homens do sítio e comanda-os para que os primos não tivessem posse de suas terras:

— Vejo que estão animados. E eu estou com muita raiva. Quero provar quem eu sou àqueles condenados. Mas, se sentem, que eu ainda não acabei de falar. João Rufo está espantado, vendo eu querer começar esta guerra, dispondo só de quatro homens, dois cavalos, uma burra e três armas velhas... Mas isso é só o começo. Vamos arranjar animal pra todo mundo, armamento e munição, mantimento pra comer (Queiroz, 2021, p. 85).

No trecho acima, Maria Moura mostra-se a figura da bravura em um corpo de mulher, sempre lutando e tendo atitudes guerreiras, visando sempre à justiça, mesmo que seja uma justiça segundo sua concepção. Diante disso, seu espírito combativo eclode e ela assume sua posição de líder e, conseqüentemente, começa a planejar todos os passos para o embate direto com Tonho e Irineu. Quando seus planos não dão certo, não se rebaixa, mas elabora outra ação: atear fogo na casa e fugir estrategicamente: “Mande João Rufo ensopar com o resto do azeite o que encontrasse de madeira descoberta; e em seguida espalhar os tições de fogo, bem acesos, perto das poças de azeite, no chão” (Queiroz, 2021, p. 68). Então, apesar do amor que tinha pela casa, Maria Moura prefere destruí-la para que seus primos não obtenham a vitória.

Diante disso, alimentada pelo ódio, desejo de vingança e necessidade de poder, passou a buscar sua autorrealização, como forma de sobrevivência. Com isso, transformou-se em uma mulher empoderada, mas impiedosa, rigorosa e endurecida: “Eu sentia [...] que não nasci pra coisa pequena. Quero ser gente. Quero falar com os grandes de igual para igual. Quero ter riqueza! A minha casa, o meu gado, as minhas terras largas. A minha cabroeira me garantindo” (Queiroz, 2021, p. 129). Em seu discurso nota-se o quão longe Moura queria chegar na hierarquia social. Então, ela não se contenta com a condição de inferioridade imposta a ela, pois anseia ocupar os espaços de poder e ter um nome reconhecido perante a sociedade.

Dessa forma, Maria Moura opta por reescrever sua própria história nas terras da Serra dos Padres, herança de seu pai. Entretanto, encontra-se no sertão nordestino,



contexto marcado pelo autoritarismo masculino, em que o homem é a figura que dá ordens e comanda e a mulher é quem as recebe e cuida da casa, e percebe a necessidade de realizar uma ação. Assim, tomada por uma forma incomum, a mulher guerreira que substituiu a Sinhazinha indefesa abdica de sua vaidade e corta os cabelos, cuja finalidade era encaixar-se no mundo masculino, assemelhando-se aos seus homens, assumindo uma posição social de respeito e autoridade:

Não sei o que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram, sem parar pra pensar. Aí eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito navalha — puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito uma trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço. [...] — Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres (Queiroz, 2021, p. 86-87).

Maria Moura começou a se aproximar da Donzela-Guerreira caracterizada por Walnice Nogueira Galvão (1998), pois a autora afirma que a donzela guerreira é, geralmente, a filha única ou a caçula, sem irmão homens adultos, que adota as vestimentas de seu pai e usa disfarces para atuar juntos com os homens na guerra, assim como Moura fez em seu embate com Tonho e Irineu. Diante disso, na sociedade patriarcal os cabelos eram um símbolo da sexualidade e da fraqueza feminina, assim, o seu corte funciona como um rito de passagem, no qual Moura nega sua feminilidade, cuja finalidade era enquadrar-se no mundo masculino, assemelhando-se aos seus homens, assumindo uma posição social de respeito e autoridade.

Dessa forma, Galvão (1998) afirma que:

[...] a donzela-guerreira [...] perde o cabelo para ganhar a guerra: nela, o corte de cabelo tem sobretudo o caráter de uma investidura [...]. Neste ponto, estamos diante de uma articulação primária de oposição sexual. Para o homem, aquilo que cresce em seu corpo é a sua força; donde, para um homem, cortar aquilo que cresce em seu corpo é castração, é perda, é fraqueza. Para uma mulher, cortar aquilo que cresce em seu corpo não é castração, é ganho, é aquisição de força. [...] Ainda mais, o cabelo poderia representar por projeção e contigüidade coisas que estão “na cabeça”, ou seja, fantasias, pensamentos, criatividade - como é nas histórias em quadrinhos e na arte primitiva. Ao sacrificar sua cabeleira, a donzela-guerreira estaria sacrificando também sua especificidade enquanto mulher, aceitando que os valores masculinos preencham sua cabeça, transformem-se em ideais dela (Galvão, 1998, p. 175).

Assim, o ato de Maria Moura cortar seus cabelos significou também seu rompimento total com as convenções sociais e a abdicação da posição de mulher

dominada e submissa. A partir de agora ela prioriza apenas o seu desejo de exercer o poder através de riquezas, e, assim, ter o domínio total das coisas e pessoas. Percebe-se essa postura em seu discurso: “Eu tinha que ter o ouro para ter o poder. As terras, o luxo, a força para mandar nas pessoas” (Queiroz, 2021, p. 184). Com esses pensamentos, Moura coloca-se em uma posição oposta à de Marialva, pois enquanto esta submete-se à vontade dos outros, aquela sente prazer em fazer com que os outros submetam-se à vontade dela, como nota-se no trecho a seguir:

É bom ter força. Quando eu descobri o medo nos olhos da velha, senti que tinha força. E foi bom. Podia ter matado, ferido, maltratado — ela não ia reagir, estava tremendo de medo. E quando eu não fiz nada porque não queria, isso também foi bom, sinal de que eu comandava a minha força. Eu só fazia o que queria (Queiroz, 2021, p. 183).

Diante disso, em meio às relações de poder que determinam o homem como o ser que domina a mulher, Maria Moura, em uma atitude transgressora, impõe-se como dona do seu próprio corpo, vontades e preceitos, invertendo os papéis sociais e assumindo o lugar da figura dominadora e detentora do poder sobre si, sobrepondo sempre os seus desejos e anseios. A respeito dessa possibilidade de reação da figura dominada, Bourdieu (2012) afirma que:

[...] por mais exata que seja a correspondência entre as realidades, ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais. A indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica (Bourdieu, 2012, p. 22).

Diante disso, Maria Moura assume a ordem de dominação e sob seus reflexos constrói sua imagem e a imagem de sua casa na terra da Serra dos Padres: Sua casa passou a ser chamada de “Casa Forte”, ela, por sua vez, era tratada como “Dona Moura” e “Dona da Casa Forte”. Assim, pelas suas ações de força e resistência, construiu perante a sociedade uma imagem de poder, cujas pessoas passaram a respeitá-la e a temê-la: “Dizia o povo que a Dona da Casa Forte não carece de cadeia, nem de delegado. Lá mesmo ela julga e dá a sentença. Eu gostava dessa fama, me sentia forte e mais segura com o povo tendo medo de mim” (Queiroz, 2021, p. 350). Com isso, Moura alcança o lugar de respeito social que tanto almejou por meio de sua imagem de mulher forte e poderosa.

No entanto, Maria Moura, apesar de ter construído sua nova identidade e de ter alcançado sua autorrealização por meio desse disfarce visual masculino, ela ainda carrega sua personalidade de mulher sensual que, mesmo ofuscada pela camisa de manga longa, pela calça de homem, pelas botas e pelo chapéu, reclamava seu direito de liberdade. Assim, distanciando-se um pouco das características da Donzela-Guerreira, envolve-se com outros homens e coloca-se em uma situação conflitante.

O primeiro homem com quem ela tem um caso às escondidas é com Duarte, filho bastardo de seu tio com uma escrava, mas ela tinha apenas interesses físicos, apesar de ele manter sentimentos amorosos por ela. Diante disso, ela mantinha o seu poder de dominação, preservando sempre sua liberdade, pois, assim como afirma Barbosa (1999), “Seu espírito independente, seu caráter dominador não se submeteriam ao jugo de um homem” (Barbosa, 1999, p. 49). Diante disso, ela não se rendia a exploração sexual do seu amante, pois queria ter total controle sobre ele, como podemos perceber em seu discurso:

Um homem me governando, me dizendo — faça isso, faça aquilo, qual! Considerando também dele tudo que era meu, nem em sonho — ou pior, nem em pesadelo. E me usando na cama toda vez que lhe desse na veneta. Ah, isso também não [...]. O fato é que, comigo, quando se tratasse de homem, tinha que ser sempre eu quem dava o sinal (Queiroz, 2021, p. 340).

Em contrapartida, Cirino, o outro homem da vida de Moura e o oposto de Duarte, tinha uma imagem de mulherengo e conquistador, e não se intimidou com a imagem de chefe e guerreira de Maria Moura e buscou aflorar nela a paixão da mulher. Assim, procurou seduzi-la para manter uma relação com ela, a fim de aproveitar-se do poder que Moura exercia e, aos poucos, tomá-lo para si. Maria Moura, por sua vez, sem perceber a armadilha em que estava se prendendo, envolve-se em uma paixão cega, correndo o risco de perder tudo que conquistou, cedendo a pensamentos, como: “Eu chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele — a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele [...]” (Queiroz, 2021, p. 409). Assim, a paixão por Cirino leva Maria Moura a retornar para a posição de mulher frágil.

Dessa forma, a protagonista vê-se tão envolvida por essa paixão que esquece os seus sonhos e anseios pelos quais lutou com tanta garra e força de vontade. Segundo Barbosa (1999), “a mulher racional e dominadora de antes, aos poucos, perde o domínio de si mesma” (Barbosa, 1999, p. 50). Assim, Maria Moura depois de seu encontro com Cirino, transforma-se novamente em uma sinhazinha que, assim

como Marialva, quando se vê longe do homem amado, padece e vive um estado de torpor pela agonia em esperar o dia que veria ele novamente.

Por conseguinte, essa situação abriu espaço para uma traição da parte de Cirino que aproveitando-se do livre arbítrio que Moura lhe proporcionou, interferiu em seus negócios, desrespeitou sua autoridade, utilizou sua fama e seu armamento para ganhar dinheiro, matou e mandou matar em nome de Maria Moura, destruindo e manchando o legado de mulher de respeito que ela tinha construído. Diante disso, Moura reflete:

E vinha aquele moleque, aquele coisinha ruim, abalar estes meus anos todos de trabalho e sacrifício, solapar os alicerces da minha Casa Forte! Do meu castelo! Quem tinha de dar um ensino nele era eu mesma. Não seria o pai, não, mas eu! Eu! [...] E eu adorar um desgraçado desses, abrir pra ele o meu quarto, a minha cama, o meu corpo. Foi humilhação demais (Queiroz, 2021, p. 436).

Portanto, é nesse momento que sua postura de chefe e dona de si está em prova, pois ela precisava reconquistar a sua fama e o seu posto de líder e sua fama de mulher de palavra. Assim, mesmo estando dividida entre a razão e os sentimentos, ela impõe-se: “Meto mesmo a mão no peito, arranco o coração e pronto. Nem que morra depois. Porque, se eu perdoar e aceitar ele de volta, estou perdida de vez” (Queiroz, 2021, p. 439). A partir desta decisão, Moura planeja a eliminação de Cirino, pois se ele vivesse, a mulher guerreira morreria.

Diante disso, a morte de Cirino permite que Moura reafirme sua força e poder: “[...] tinha, de certa forma, acordado a velha Maria Moura. Ou antes, uma Maria Moura nova, diferente de todas as Mouras passadas, capaz de se meter numa aventura louca, quem sabe sem retorno, quem sabe sem fim” (Queiroz, 2021, p. 493). Assim, a nova Moura, revigorada, mais destemida e ousada, assume a dianteira de seu bando para coordenar as ações que faria na nova empreitada, algo que ela nunca tinha feito até então, pois não participava dos assaltos. Diante dos protestos de Duarte, ela impõe sua força e determinação:

— Ainda está na hora de mudar de idéia, Sinhá. Vai ser uma luta muito dura, com esses homens traquejados pra matar. Não é briga pra mulher. E se lhe matam? Saltei na sela. Mas, antes de dar partida, me dobrei sobre o pescoço do cavalo e disse, olhando nos olhos de Duarte: — Se tiver que morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais (Queiroz, 2021, p. 503).

Diante disso, o desfecho da história e, conseqüentemente, da personagem, fica em aberto para a imaginação do leitor, pois não se sabe ao certo se Maria Moura teve

ou não um fim trágico. Logo, o que se sobressai é a força e transgressão da personagem em sufocar todos e quaisquer sentimentos de fraqueza que tire dela o sucesso e esplendor que ela está experimentando em seu posto de mulher guerreira e destemida. Por esta razão, como afirma Barbosa (1999), “Maria Moura, símbolo da resistência e da transgressão [...] torna-se o protótipo da mulher independente, destemida, dona de sua vontade” (Barbosa, 1999, p. 16). Diante disso, Maria Moura resolve seus conflitos interiores e resiste as pressões sociais para viver de acordo com os seus desejos e não os da sociedade.

Portanto, Moura durante sua trajetória construiu em seu nome uma fama de mulher guerreira e corajosa que conquistou seu império com a força de sua determinação. Assim, ela adota mais do que uma postura masculina, ela quebra estereótipos e paradigmas sobre a mulher, pois ela rompe os preceitos impostos pela sociedade ao negar o casamento, ser submissa ao marido e os demais destinos que as mulheres obrigatoriamente seguiam. Diante disso, Maria Moura, escrava e vítima do patriarcalismo e de suas prisões, liberta-se e transgride a fim de encontrar sua liberdade e realização pessoal. Por fim, Moura escreve sua história, deixando sua marca por onde passava, sendo uma lenda amada, odiada, temida e respeitada, mas nunca ofuscada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, refletiu-se sobre a condição opressora a que as mulheres eram submetidas na sociedade patriarcal e as diferentes posturas assumidas por elas. Primeiramente, fez-se uma análise sociocultural da significação do ser mulher para o patriarcalismo no Brasil. Visto que esse sistema era de dominação masculina, foi possível entender a cultura de inferioridade, os valores morais e as regras de boa conduta que eram destinados à mulher desde a tenra idade. Assim, as mulheres eram restritas à passividade, submissão e obediência por serem vistas pelo homem como um ser sem identidade, sem ambições, sem opiniões próprias e com um destino intrinsecamente ligado às atividades do lar e à servidão ao marido e aos filhos.

A partir da análise das personagens femininas, observou-se que Marialva e Maria Moura assemelham-se no sentido de serem educadas através dos princípios tradicionais, bem como, serem submetidas a restrições na participação de atividades sociais básicas e ao aprisionamento domiciliar. Além disso, as duas personagens foram colocadas em situações de medo e de ameaça a suas liberdades por figuras masculinas. Entretanto, quando elas são postas à prova por meio dessas situações, cada uma segue um caminho diferente, mas baseadas em suas escolhas, sem interferência masculina.

Nesse contexto, Marialva teve momentos de resistência nos quais optou por libertar-se de seus irmãos, de sua cunhada e do sítio, bem como, casar-se com o noivo que ela escolheu. Entretanto, submete-se à vida errante e às vontades do marido: não participa das decisões e não impõe sua opinião, sempre obedecendo-o. Assim, após o casamento ela assume a postura esperada para a mulher do século XIX e se resume a ser mãe de família. Entretanto, apesar de aceitar o estado de submissão, ela seguiu um caminho próprio e alcançou liberdades que muitas mulheres não conseguiam, como, por exemplo, casar-se por amor e ter forças para resistir à figura de poder que a mantinha presa em casa. Diante disso, ela viu no matrimônio um meio de libertação, mesmo que passasse da condição de propriedade do pai para o domínio do marido.

Maria Moura, por sua vez, sempre teve um espírito livre, bem como, pensamentos e anseios voltados para a ambição pela liberdade e pelo poder. Dessa forma, quando ela se vê em meio a situações que ameaçam essa liberdade e sua vida, sejam pessoas ou sentimentos, ela resiste e elimina-os. Vale ressaltar que a

personagem não exterminou as pessoas com suas próprias mãos, mas comandava as ações realizadas por seus capangas. A personagem resiste ao poder exercido pelos homens, e assume uma posição de comando sobre eles.

Diante disso, observou-se que Maria Moura é uma personagem à frente do seu tempo, pois suas atitudes e posturas se distanciam dos estereótipos do ser mulher associados ao sexo feminino pela cultura patriarcal. As ações da personagem de negação ao matrimônio, do uso de vestimentas masculinas e do rompimento com a idealização da virgindade e do sexo, repelem os valores tradicionais. Ademais, a posição de chefe de um bando dentro do sertão nordestino que Maria Moura conquista é uma atitude de resistência, pois normalmente os postos de alto prestígio e liderança eram ocupados apenas por homens. Assim, o seu desejo de ser vista e respeitada demonstra seu poder ao negar a condição de inferioridade atribuída à mulher, impondo-se, assim, como uma igual ou até mesmo superior ao sexo oposto.

Nesse viés, Maria Moura caracteriza-se como uma personagem redonda, pois passa por uma transformação de características, crenças e comportamentos ao longo da trama. Sendo que o motivo de desencadeamento dessas transformações e oscilações da personalidade dela está intrinsecamente ligado às situações que ela enfrentou: a orfandade, o enfrentamento dos seus primos Tonho e Irineu, a luta por suas heranças nas terras do Limoeiro e na Serra dos Padres, bem como, os limites inerentes a sua condição de mulher.

Assim, entende-se que os objetivos almejados foram alcançados, uma vez que, refletiu-se sobre o significado do ser mulher e como o romance *Memorial de Maria Moura* está ambientado no século XIX e, conseqüentemente, na sociedade patriarcal, foi possível analisar os comportamentos e as posturas assumidos pelas personagens Marialva e Maria Moura perante as situações proporcionadas pelas relações de poder. Assim, possibilitou-se a identificação de semelhanças e diferenças entre as duas personagens.

Nesse viés, está pesquisa é relevante para estudos de gênero e literários, pois analisou-se tanto a protagonista Maria Moura quanto a personagem secundária Marialva. Assim, perante as situações de opressão patriarcal, comparou-se as posturas vivenciadas por ambas as personagens por meio da submissão, cuja realidade era vivenciada pela maioria das mulheres da sociedade patriarcal, bem como, da resistência e transgressão assumidas por aquelas que conseguiram vencer a opressão do sistema social.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a. v. 1.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b. v. 2.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. *E-book*.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **A Donzela-Guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo: Senac, 1998.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: Histórias da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MORAES, Tereza de. Escrita: caminho para a emancipação da mulher. *In*: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do feminino**. São Paulo: Editora Átomo, 2003, p. 39-55.
- PACHECO, Antônio Carlos de Miranda. Personagens em construção no Memorial de Maria Moura: estudo da gênese do Beato Romano. 2007. 128 f. Tese (Doutorado) – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.



WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.  
*In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.